

Leandro

Edictor Proprietario
João Martins de Athayde

9

**UMA VIAGEM
AO CÉO**

**PELEJA DE
Patricio com Ignacio da
CATINGUEIRA**

Preço da Caza 300 réis
A venda na Rua do Rangel n. 184 Recife

E no Mercado Modello n. 158 Agente
José Amaro Rodrigues BAHIA

Na Rua das Verduras n. 27 Agente Benedicto
Claudino dos Santos MACEIÓ

RECIFE PERNAMBUCO

Uma Viagem ao CÊO

Uma vez eu era pobre,
Vivia sempre atrazado
Potei um negocio bom,
Porem vendi-o fiado
Um dia até enprestei
O livro do apurado.

Dei a balança de esmola
E fiz lenha do balcão,
Desmanchei as partileiras
Fiz della um marquezão,
Porem roubaram-me a cama
Fiquei dormindo no chão.

Estava pensando na vida
Como havia de passar
Não tinha mais um vintem
Nem geito para trabalhar,
O marinheiro da venda
Não queria mais fiar.

Puz a mão sobre a cabeça
 E fiquei pensando na vida
 Quando do lado do céu
 Chegou um' alma perdida,
 Perguntou; era o senhor
 Que aqui vendia bebida.

Eu disse que éra eu mesmo
 E a venda estava quebrada
 Mais se queria um pouquinho
 Eu ainda o tinha guardada,
 Obras de uns dois garrafões
 De aguardente immaculada.

Me disse a alma; eu acceito
 E lhe agradeço eternamente *e*
 Porque moro no céu, ~~mas~~ lá
 Inda não entra aguardente,
 São ~~pedro~~ *que* inda plantou canna *não*
 Porem ~~perdeu~~ a semente,

Bebeu obra de tres contas
 Ficou muito satisfeita
 Disse; aguardente correcta
 Immaculada direita,
 Isso é o que chamo bebida
 Essa aqui ninguem engeita,

Perguntei-lhe, alma quem és?
 Disse ella; tua amiga
 Vim te dizer que te mudes
 Aqui não dá nem intriga,
 Quer ir para o céu commigo?
 Lá é que se bota barriga.

E lá subi com a alma
 Num automovel de vento
e ~~Então~~ a alma me mostrava
 Todo aquelle movimento,
 As maravilhas mais lindas
 Que existe no firmamento

Passamos no purgatorio
 Tinha um pedreiro caindo
 Mais adiante era o inferno.
 Estava um diabo cantando,
 E a alma de um nova-ceita
 Presa num tronco apanhando,

Afinal cheguei no céu
 A alma bateu na porta
 Com pouco chegou S. Pedro
 Que andava lá pela horta,
 Perguntou-me: esta pessoa
 Inda é viva ou já é morta,

Então a alma respondeu;
E' vivo estava no mundo
Não tinha do que viver
Está feito um vagabundo,
Lá quem não fôr do governo
Passa fome e vive immundo.

S. Pedro ahi perguntou
O mundo lá como vaê ?
Eu ahi disse: meu santo
Lá, filho rouba do paê ,
Estava se vendo o instante
Que o mundo por cim de nós caê

Eu inda levava um resto
Da gostosa "immaculada" i
Dei a elle e elle disse
Aguardente raciada '
Xme E ahi disse; entre,
Aqui não lhe falta nada.

Arrastou uma cadeira
E mandou eu me assentar
Chamou um criado d'elle
Disse: cuide em se arrumar,
Vá dentro e diga á ama
Que bote um grande jantar.

Quando acabei de jantar
O santo me convidou
Disse vamos lá na horta
Fui lá elle me mostrou,
Coiza que admirava
E tudo me embelezou.

Vi na horta de são Pedro
Arvorêdos bem criados
Tinha pés de patações
Que estava carregados,
Pés de libras esterlinas
que isto Já estavam deitados

Vi cerca de queijo Prata....
E lagôa de qualhada,
Atoleiros de manteiga
Matta de carne guizada,
Riacho de vinho do porto
Só não tinha immaculada.

Prata de 500 réis
Elles lá chamam caipóra
Botava trabalhadores
Para jogar tudo fóra,
Esses nikeis de cruzados
Lá nascem de hora em hora,

Então S, pedro me disse;
 Quero fazer-lhe um presente.
 Quando você for embora
 Quero lhe dar uma semente,
 Você vai mesmo escolher
 Aquella mais excelente,

Deu-me 10 pès de dinheiro
 Alguns querendo botar
 Filhos de queijo do reino
 Já querendo safrejar,
 Uns caroços de brilhante
 Para eu na terra plantar

De galhos de libras esterlinas
 Deu-me 120 pés
 Deu-me um sacco de semente
 De cédulas de 100\$000,
 Deu-me maniva de prata,
de diamante umas dez.

Ahi chamou Santa Barbara
 Esta veio com atenção
 São Pedro então disse;
 Eu quero uma arrumação!
 Este moço quer voltar
 Arranje-lhe a conducção,

lhe

Bote a cangalha n'um raio
 E a sela num trovão,
 Veja se arruma um corisco
 Para elle levar na mão,
 Porque daqui para terra
 Existe muito ladrão.

Fu desci do céu alegre
 Commigo não foi ninguem;
 Passei pelo purgatorio
 Ouvei um grito muito além,
 Era a velha minha sogra
 Que dizia eu vou também..

Eu lhe disse; minha sogra ~~a~~
 Eu não posso conduzir, "
 Ella me disse; eu lhe mostro
 Porque razão hei de ir,
 De mão ~~de~~ tôr apago o raio
 Quero ver você seguir.

Nisso o raio se apagou
 Desmantelou-se o trovão
 O corisco que eu trazia
 Escapuliu-me da mão,
 E tudo quanto eu trazia
 Caiu dessa vez no chão.

Ahi a velha voltou
Rogando praga e uivando
Quando entrou no purgatorio
Foi se mordendo e babando,
Dizendo tudo de mim,
Lançando fogo e falando.

Bem dizia meu avô:
Sogra nem depois de morta
Fede a carniça do corpo
A lingua da alma corta,
Não diz assim quem não vio
Uma sogra em sua porta.

Eu vinha com isso tudo
Que o santo tinha me dado
Mais minha sogra apanhou
O diabo descuidado,
Fiquei peor do que estava
Perdi o que tinha achado.

E quando cheguei em casa
A mulher quase me come
Inda pegou um cacête
E me chamou tanto nome,
Disse que eu casei com ella
Para mata-la de fome.

Se não fosse minha sogra
Eu hoje estava arrumado
Mais ella no purgatorio
Achou tudo descuidado,
Abriu a porta e damnou-se
Veio deixar-me emcaiporado

Nunca mais voltei ao céu
Para falar com são pedro
E inda mesmo que possa
Não vou porque tenho mêdo
Posso encontrar minha sogra
E vaê de novo outro enrêdo

FIM

Recife 13 de Jaaeiro de 1926

PELEJA DE PATRICIO COM

IGNACIO DA CATINGUEIRA

Me chamo José Patricio
Da Siqueira Patriota,
Dou tapa que arranco dente
Dou murro que descangota,
Cantador que vem a mim
Só pode contar derrota.

Ignacio-me baptizei por Ignacio
Por alcunha Catingueira
Me criei no pyancô
Mas aprendi no Teixeira,
Fiz mais de dez mil carniças
Logo ao subir da Ladeira

Patricio-Ignacio canta com geito
Que eu não sou de brincadeira
Eu torço braúna velha
Faço tacho de arueira,
Pizo pedra no pilão
Faço põ de catingueira.

Ignacio-Patricio você se engana
Cuidado mais na carreira
No sertão que você foi
Nunca nasceu arueira,
Deus o livre que você
Vá por sonho a catingueira.

Patricio—Ignacio vou te avizar
 Fazer-te uma caridade
 Meu braço tem muito peso
 Meu genio rigidade,
 Se cahires na minhas unhas
 Encontras barbaridade.

Ignacio—Patricio eu já sou passado
 E um passado não me illude
 Eu nunca encontrei um peso
 Que por grande eu não me ajude,
 Quira Deus no fim da cauza
 Seu pensamento não mude,

Patricio—você parece que entende
 Que eu sirvo de brinquêdo
 Eu zombo de tempestade
 Curisco não me faz mêdo
 Espero pela desgraça
 Que há de chegar muito cêdo

Ignacio—Patricio se accommode
 O senhor não é leão
 O leão mesmo é feroz
 E um dia perde acção,
 Um homem dá cabo d'elle
 Mata-o, bota-o na prizão.

Patricio-Nada tenho haver com isto
Pouco me emporta o leão
Quando eu nasci a parteira
Gritou, nasceu um Sanção,
Mandaram ver minha sina
Viram os signaes de Roldão.

Ignacio-Vossa mercê tem Sanção
Como objecto ou modello?
Um homem que sua força
Estava toda em um cabelo,
Leia o livro de Roldão
Veja agora o desmantello.

Patricio-Sanção teve muita força
Roldão foi o rei dos guerreiros
Pois não poudede ceder a elle
Nem mesmo, o proprio Oliveiros,
Sendo o nome mais temido
Dos luctadores primeiro.

Ignacio tem estes homem
Como uma admiração
Parece que fica amplo
Quando se falla em Sanção,
Para mim o mais valente
Foi o que matou Roldão.

Patricio oh! negro não me replicas
Se não eu com pouco me agasto
E se eu sahir dos limites
Cai um pedaço de astro
Faço do seu couro mala
Los ossos cama de lastro.

Ignacio-E eu pretendo fazer
De seu couro um cinturão
Das canellas dois cacête
Dos braços mão de pilão
Da cabeça uma panella
Do pescoço um butijão,

P. Ignacio estaes esquecido
Do que já te fez Romano
Pois eu agora te provo
Que agora sou mais tyrano
Te deixo cêgo seis mezes
E aleijado mais de um anno

I.-Sr. Romano nada fez-me
Pois teve mêdo de mim
Valeu-se da escriptura
Para poder dar-me fim
Teve mêdo que ficou
Branco da côr de um marfim.

Patricio-Ignacio abre teu olho
 Que eu já tinha projectado
 Antes de sahir da'qui
 Fazer de ti um guizado,
 E nunca fiz um calculo
 Que não visse resultado.

Ignacio-Eu convidei tres pessôas
 Para comer um mesticio...
 Um delles foi hugulino
 Que é mestre de meu officio,
 Já convidou muita gente
 Para almoçar do patricio.*

P-Ainda o meu inimigo
 De minha carne não compra
 Se você metesse nisso
 Encontra um mulato estrompa,
 Meu couro é d'um aço sècco
 Não há metralha que o rompa.

I-Para mim torna-se molle
 Macio como uma grama
 Não hà aço por ser forte
 Que a ferrugem não o coma,
 Ainda que você se valha
 Do padre santo de Roma.

Patricio-Ignacio fosses escravo
Não tivesses educação
Sempre o commum de escravo
E' nunca ter creação,
Pois quer tomar liberdade
Com o senhor ou o patrão?

Ignacio-sr. Patricio, eu fui escravo
Porém tive estimação
Uma senhora que tive
Andou commigo na mão,
O senhor não nasceu livre?
Que dê sua educação?

P-Meu pai éra um homem pobre
Não me podia educar
Porém aprendi a ler
Perfeitamente a contar,
Não tenho traços de negro
Se vê logo, onde eu falar.

Ignacio-Como tem o couro preto
E o cabelo pixaim?
Os dentes alvos e largos
As gengivas rôxas assim,
Nas côres somos iguaes
Estaes muito perto de mim.

Patricio sou moreno, reconheço
Meu cabelo é pixaim,
Porem homem n'este mundo
Não deu dinheiro por mim,
Não és tú que teus avós
Vendidos tiveram fim.

Ignacio-Sr. Patricio esta me obriga
A ficar muito agastado
Em ouvir chamar moreno.
A côr de cafè torrado
Seu avô veio ao Brazil
Para ser negociado.

P. Ignacio eu sei que conheço
Os nossos antepassados
Tratemos só da moderna
Esquecemos os atrasados
Acabemos com a discussão
Ficaremos descançados.

Ignacio-isto assim è outra coisa
Eu não lucto sem motivo
Vossa mercê tambem esqueça
O povo que foi captivo,
Quem tem defuncto ladrão
Não falla em roubo de vivo. FIM

PROTESTO

Manoel Barreto n. 1241

Tendo conhecimento de que algum proce-
ra escrever e editar as minhas nume-
rosas obras populares de que sou
exclusivo autor e proprietario illudido
do assim a bofio se dos meus fregues-
zes e apreciadores, protesto contra a
absorção dos meus direitos garantidos
dos pelos arts 649, 670 e 672, do
capitulo VI do código civil brasileiro
fazendo valer os meus direitos oportu-
namente perante os tribunales do Patz,
já tendo requerido as certidões de que
trata o artigo 67 do referido código.
Sirva este meu protesto de aviso aos
meus leitores e as autoridades de todas
as circumscripções da republica a quem
requeri não só apprenhenção como
indemnizacão pelos danos causados.

Recife 20 de Fevereiro de 1921

João Martins de Athayde

EDITORA DOMINIA

BELEM AR

REDAZ

Execução com a maior brevidade

de cada qual se requer e se

PROTESTO



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).